

Les numéros / Anthropologie et psychanalyse : débats et pratiques

« Etnografar com Psicanálise. Psicologias de um ponto de vista empírico »

José Francisco Miguel Henriques BAIRRÃO

Résumé

Le terme psychanalyse désigne en même temps une théorie psychologique, une technique thérapeutique et une méthode de recherche scientifique. La psychanalyse et l'anthropologie ont une longue histoire de controverses et de collaboration au long de laquelle des thèses psychologiques ont été accueillies ou vivement réfutées par les anthropologues. Ces débats n'ont que très rarement distingué avec rigueur la composante méthodologique des autres aspects de la théorie et, lorsqu'on l'a fait, on a peu pris en compte la contribution lacanienne. Cet article explore les retombées épistémologiques des théories psychanalytiques, radicalisées par Lacan, pour à partir de là envisager une contribution méthodologique possible pour la recherche en ethnographie.

Abstract

The locution psychoanalysis terms concomitantly a psychological theory, a therapeutic technique and a scientific research method. Psychoanalysis and Anthropology have a long tradition of controversy and collaboration or confrontation with one another, which, however, almost always involved psychological theses accepted or attacked by anthropologists. Seldom these debates have carefully separated the methodological component from the others and, when that is the case, rarely they have considered the Lacanian contribution. This article explores epistemological derivations of psychoanalytic theories radicalized by Lacan, for the purpose of explicating its potential methodological contributions to the ethnographic research.

Resumo

O termo psicanálise denomina concomitantemente uma teoria psicológica, uma técnica terapêutica e um método de investigação científica. A psicanálise e a antropologia têm uma larga tradição de polémicas e de colaboração ou enfrentamento entre si, as quais, no entanto, quase sempre envolveram teses psicológicas acatadas ou atacadas por antropólogos. Poucas vezes esses debates se desenvolveram separando criteriosamente o componente metodológico dos demais e, quando esse foi o caso, raramente se o fez levando em conta a contribuição lacaniana. Neste artigo exploram-se decorrências epistemológicas de teses psicanalíticas radicalizadas por Lacan, na perspectiva de uma explicitação das suas potenciais contribuições metodológicas em pesquisas de cunho etnográfico.

De um ponto de vista estritamente epistemológico, pode hipotetizar-se que antropologia e psicanálise compartilhem uma proto-história comum, que remontaria a um momento anterior às suas polemicas históricas. A saber, desde que Brentano (1874/2009), assentou em bases teórica e metodologicamente avessas a uma redução do sujeito e da ação (humana) a dado objetivo (o comportamento).

As pontuações seminais desse filósofo (que foi professor de Freud) inspiraram e legitimaram a fundação autônoma da psicanálise relativamente às psicologias que então e ainda hoje procuram justificar-se mimetizando os procedimentos das ciências naturais. No decorrer do tempo, as suas contribuições desdobraram-se em assentamentos metodológicos nos quais presumivelmente antropologia e psicanálise, por caminhos e com resultados nem sempre idênticos, admitiriam reconhecer-se, tais como : a recusa em confundir rigor com probabilidade de frequência de dados, a valorização do estudo sistemático de casos

exemplares, a consideração das linguagens como meio e campo da investigação (condição metodológica e componente indissociável dos fenômenos investigados), assim como o reconhecimento de que a pessoa do analista ou etnógrafo é um instrumento ineludível da pesquisa e a sua participação e interações em campo ou na clínica não podem ser desconsideradas.

Dado que integram uma mesma "família epistemológica" e compartilham um corpo de postulados nem sempre devidamente explicitado, não admira que essas disciplinas "gêmeas siamesas" ora se admirem e componham, ora se digladiem, apresentando uma história rica de intercâmbios, colaborações e profícuas interações, mas também de notórios mal-entendidos.

Para o presente propósito ⁽¹⁾ basta assinalar que a antropologia tem desempenhado um saudável papel crítico na denúncia da reificação de algumas ideias psicológicas e de constructos metapsicológicos e psicopatológicos psicanalíticos hipotéticos e transitórios à revelia do contexto que justificaria sua utilidade e pertinência. Porém, este enfoque crítico prioriza na psicanálise o que ela apresenta de mais fraco e historicamente datado, projetando e alocando na interlocutora, afirmações de cunho dogmático e generalizante a respeito de uma suposta natureza humana e de leis do funcionamento psíquico, que antropólogos não admitiriam em si próprios, embora muitas vezes as recebam e mal compreendam das mãos de alguns clássicos da sua disciplina, que se beneficiaram de atitudes mais amistosas para com a psicanálise e se permitiram incorporar às suas análises alguns dos seus conceitos. Principalmente, desconhece que o termo Psicanálise usa-se em três acepções que historicamente se entrelaçam, mas são independentes : uma teoria psicológica (que inclui o inconsciente), um procedimento terapêutico derivado da anterior e como designação de um método de investigação científica (Freud, 1922/1987).

O fato de no ensaio a que aqui se procede não se repetirem da mesma forma os passos de seus predecessores, em nada diminui a sua dívida para com eles. Esses autores são muitos e bem conhecidos, pelo que seria tedioso e é desnecessário elencá-los com alguma pretensão de exaustividade. O seu pioneirismo e coragem intelectual são inspiradores e é impossível não relê-los com proveito. De entre aqueles que se debruçaram sobre desafios e articulações metodológicas interdisciplinares, a título de homenagem, desconsiderando os psicólogos ou psicanalistas que adentraram a antropologia apenas para levá-la para dentro da clínica e os antropólogos que se apropriaram parcialmente da psicanálise apenas como um meio retórico para ilustrar por oposição algumas das suas teses, ocupam um lugar de destaque os trabalhos de Devereux (1970, 1972, 1980). É igualmente justo mencionar, entre outros, autores como Ewing (1987, 2002), Obeyesekere (1981, 1996), Favret-Saada (1977), Kracke (1987) e Geffray (2001).

É forçoso admitir que mesmo em parte dessa literatura alguns construtos teóricos psicanalíticos foram indevidamente generalizados como supostos atributos universais do psiquismo, sem a devida consideração da sua transitoriedade e do seu cunho instrumental (tão ressaltados por Freud) para efeito da clínica psicanalítica (Bairrão, 2005). É também fato que a generalidade dessas contribuições metodológicas em diálogo com a etnografia nem sempre distingue claramente o componente estritamente metodológico de enunciados psicológicos, em princípio prescindíveis para efeito de uma discussão estritamente epistemológica. O horizonte da psicanálise traduzida como psicologia clínica parece estar sempre à espreita dessas discussões e certamente não é dessa direção que se podem esperar as melhores contribuições.

Este artigo não tem a pretensão de retomar essas polêmicas. Das três definições de Psicanálise, vai ater-se à que especifica o método psicanalítico e examinar se e em que medida a sua composição com procedimentos etnográficos poderia estimular uma renovação, não apenas do diálogo interdisciplinar, mas, principalmente, contribuir para uma reflexão a respeito de procedimentos de pesquisa de campo.

A Ilusão Cognitiva

Segundo Lacan, que o retoma de Freud, um mundo além da constituição psíquica é real, mas não haveria uma via de acesso cognitivo a essa realidade. O pensamento não reproduz a não ser uma atividade que repete vias de satisfação. Lacan alarga o impasse extraindo desse insucesso um abandono radical de considerações epistêmicas, em prol de uma psicanálise atida ao fazer e não mais ao saber, que redundaria numa espécie de ética (Bairrão, 2004).

A psicanálise lacaniana nasce de uma renúncia ao intento de constituição de uma ciência da

personalidade, que se espalha numa negação não apenas da possibilidade de constituição da psicologia como ciência positiva, mas também de todo e qualquer conhecimento e, em decorrência, da licitude dos seus construtos teóricos. Mas inegavelmente a disciplina de pendor mais propriamente ético do que psicológico que emerge desse trajeto, à sua maneira, retoma, ainda que cautelosamente, uma noção de saber e talvez até de conhecimento, embora nunca mais nos termos assertivos e ingênuos anteriores à descoberta freudiana (Bairrão, 2003).

De qualquer modo, a psicanálise não tem alternativa a não ser se compreender de um modo mais amplo do que o seu enviesamento pela concepção de pessoa moderna, individualista e psicologizante ; e torna-se cabível ensaiar considerá-la no que possa contribuir para a pesquisa social ou pelo menos na qualidade de importante interlocutora da pesquisa e reflexão em ciência social.

Se houver, a peculiaridade da entrada da psicanálise na pesquisa social será o sujeito, outra coisa, com outro estatuto, mais do que uma hipotética e etnocêntrica concepção de personalidade.

Tendo isso em vista, vai-se abordar preliminar e exploratoriamente se e em que medida uma redescritção lacaniana da psicanálise admitiria uma contribuição para a pesquisa etnográfica e, nesse caso, qual seria a originalidade e especificidade da sua contribuição para o debate do estatuto dos seus enunciados, tendo em vista a efetividade do inconsciente e a peculiaridade da alteridade em psicanálise.

Para examinar este ponto considerar-se-á, com total despreendimento da diacronia, alguns dos esquemas e grafos lacanianos, sendo estes um recurso habitual do autor para sistematizar, condensar e de certo modo ultrapassar a relativa inefabilidade do que está em pauta, em virtude da peculiaridade do método psicanalítico, que inclui na sua fórmula o inconsciente e correlatamente um "cálculo" do desconhecido.

Isto implica uma certa concepção de linguagem e de comunicação e seria um tanto grosseiro levá-lo em conta como tese e desconsiderá-lo no presente procedimento investigativo. É imprescindível ter em mente que a terminologia lacaniana considera certos operadores irreduzíveis a conceitos. Daí o nomadismo, os vários termos, a ausência de definições definitivas. A cada construto teórico pesam mais os intervalos, o que escapa de ser dito, o que talvez justifique e motive a ocorrência de repetições infundáveis. A razão é dar abrigo ao negativo, ao não conceptualizável, pela meritória compreensão de que a lacuna e o desconhecido deveriam ser incluídos no procedimento psicanalítico. A respeito desses "não conceitos" deve-se interrogar menos sobre o que sejam, do que para o que servem, com base em patamares não diacrônicos de reiterações, isolando formulações passíveis de identificações entre etapas distintas da sua elaboração, com um intuito exploratório e como ensaio de sistematização preliminar. Considerar-se-á em particular e transversalmente o esquema L, o grafo do desejo e a estrutura da enunciação (os quatro discursos), por meio de comparações e sobreposições mutuamente esclarecedoras, com alguma ênfase no chamado discurso analítico, que melhor ou mais especificamente poderia elucidar o método psicanalítico.

Um Outro

Parcela superlativa do que a psicanálise poderia acrescer à pesquisa em ciências sociais já se anuncia no esquema L (Lacan, 1978). Recorde-se, muito brevemente, que ele ilustra a demarcação e sobreposição entre ego (*le moi*) e sujeito (*je*), correlatas da distinção entre dois planos de consideração da alteridade, que na experiência humana jamais se podem compreender dissociadamente. Um destes é o plano do ego e dos outros (intersubjetividade), cuja extensão e variabilidade vai depender da gama de personagens, interlocutores potenciais, admissíveis num determinado enquadramento cultural ; e o segundo, um Outro, consubstanciado na estrutura subjacente a essa gama e determinante dos tipos de agentes e categorias de interpelação cabíveis nesse contexto (geralmente reduzido ou pelo menos confundido, pela tradição lacaniana, com "a linguagem" ou "o simbólico", quando afinal se trata mais propriamente, de uma espécie de gramática cultural da alteridade, com o perdão da palavra, imanente à dinâmica intersubjetiva).

Esses dois planos se articulam e entrecruzam em dois eixos : o eixo intersubjetivo, tu e imagem de mim, mediada pelo outro ; e o eixo da enunciação, o plano propriamente dito do sujeito, irreduzível à interface entre indivíduos empíricos e à psicologia individual.

A articulação e reencontros entre o simbólico como alteridade genérica e uma representação de si mediada

por um personagem modelado pela interface simbólica assinalam que um evento aparentemente apenas atual se insere numa rede de relações sociais. Por meio deste esquema relativamente simples, já é possível alinhar algumas contribuições e lições que o método psicanalítico pode aportar à pesquisa de campo : a interlocução empírica acontece concomitantemente com uma inscrição numa estrutura e esta inserção se mantém pela duração do ato enunciativo, que não se confunde com um enunciado atual e esteticamente tangível. É na condição de "tu" que há sujeito ou pelo menos é assim que este se faz tangível, depreensível do que dele se escuta na forma de mensagens do Outro que o significam, embora irreduzível a qualquer coisa e particularmente a um ego (não é um objeto, mesmo que este se conceba como uma pessoa). Portanto, independe de um conceito do psíquico ou da suposição de uma materialização da subjetividade.

Outrossim, paradoxalmente, do ponto de vista de uma temporalidade linear, qualquer enunciado propriamente dito é logicamente anterior a uma inscrição efetiva do seu emissor. Isto é, o sujeito acontece antes de ser e por isso é ontológica e cognitivamente inacessível.

Isso que logicamente vem depois, uma proposição, parece ser diacronicamente anterior e provir de um ser sujeito que, por sua vez, longe de ser o começo, é um produto final. Esse estatuto "pré-ontológico" do sujeito ratifica-se em momentos posteriores da obra lacaniana. Amplia-se e percebe-se melhor no grafo do desejo (Lacan, 1960/1966), no qual se ilustra que o produto do acasalamento entre impulso e simbólico elicia a opacidade do indizível e silêncio em cada dito, além de sentenças. A crucialidade deste ponto se amplia a um alargamento da admissão da opacidade intrínseca a cada proposição e a um reconhecimento do "recuo" do Outro como "objeto" insuscetível de representação (não é Deus, não é língua, não é cultura, não é estrutura ! ... Sequer é simbólico ; nada da ordem do "ser" o diz completamente).

Considere-se agora a estrutura do ato enunciativo condensada no constructo dos chamados quatro discursos (Lacan, 1991). Trata-se de uma articulação estrutural de quatro operadores sequencialmente intercambiáveis em quatro posições fixas na estrutura. Aqueles se arrolam como agente, outro, produção, verdade. Embora nenhuma palavra possa exatamente representar os operadores, por necessidade de uma escolha útil, considera-se aqui uma das suas traduções plausíveis e se os designa sujeito (S barrado), sendo (S1), simbólico (S2) e o irrepresentável de si (a). No caso da composição desses quatro operadores e quatro posições na ordem denominada por Lacan de discurso do analista ⁽²⁾, o realmente decisivo é que esse opaco à representação e inacessível cognitivamente é situado como agente. Note-se, agente, não sujeito, distinção que se deve ao fato da ação não se suportar à partida de um sujeito constituído, sendo este mais propriamente seu efeito do que sua origem.

Pelo contrário, psicanaliticamente o sujeito se situa pelo Outro e como tu. Em vez de conhecimento, nesta perspectiva de reconhecimento da atividade enunciativa, perfaz-se uma recriação : mudam-se as amarras do ser e altera-se o destino (Lacan, 1957/1966), com alcance clínico e em todos os quadrantes do que possa e tenha de se refletir como realização humana.

No lugar da verdade, subjacente ao resíduo de insignificável suposto real e efetivamente agente, supõe-se haver a totalidade não totalizável do simbólico, inclusive o que ficou por dizer, âmago do remanescente de não dito que "é" o inconsciente. Desta forma, alusivamente, mais do que um dado psicológico empírico, potencialmente impugnável pela ciência positiva, Lacan alça o inconsciente a um estatuto de assinalamento de uma negatividade além dos sentidos : o não existente fala.

Pela escuta do inconsciente o sujeito se constata enunciante, perfazendo-se por um dizer originado do Outro, mas sem se reduzir ao dito, sob pena de sua redução a entidade empírica ou conceitual. Deste modo o sujeito subtrai-se ao Outro, não há sujeito sem alguma linguagem, mas nenhuma linguagem comporta o sujeito (Bairrão, 2011). Não é uma entidade, psíquica ou de qualquer outra espécie. Como função percorre a estrutura como atividade ou corte. Por isso se fala ao sujeito de lado, dirigindo-se aos significantes que se lhe associam, pois "em si mesmo" é indizível, irreduzível.

É graças a esta negatividade que se pode ir além (ou se se preferir, ficar aquém) de uma mera descrição. Uma observação que prescindia do sujeito lacaniano, da sua ética, e da sua máquina de desfazer ontologias reificadas, pode até falar criticamente da relatividade da sua perspectiva e formular denúncias de pontos de vista pretensamente neutros e impessoais, mas não dará conta do efeito de dizer que reconfigura um estado de coisas em um "sendo" discursivo.

Para tanto, é fundamental que o Outro também nunca se reduza a algum tipo de significância positivada

(ou seja, que permaneça irreduzível a uma ontologia). Se não, o Outro define-se "Deus", "estrutura", "simbólico", "cultura", "a sociedade" ou até mesmo "O Outro", um ídolo pálida imagem de si mesmo. O Outro apenas imaginariamente se "observa" como estrutura, em realidade sucede como acontecimento e "é" intrinsecamente negatividade constituinte do sujeito. A alteridade é portanto constituinte do sujeito, que sempre é outro relativamente a si mesmo ; apontamento crucial que, no plano metodológico, fundamenta que, do ponto de vista psicanalítico, o diferente e o estrangeiro não sejam pensados como pura e simplesmente alheios e exteriores a um observador.

Outro Tempo

Com base nesse mapeamento prévio, explicitam-se agora, encadeadamente, algumas teses lacanianas que por vezes passam despercebidas ou apenas se descrevem sem a devida extração de consequências, mas cuja consideração pelo prisma das suas implicações metodológicas é imprescindível.

1 : O lugar da sexualidade em psicanálise, ou melhor a sua teoria da sexualidade, equivale a uma teoria do (não) conhecimento. A impossibilidade de objetivação do conhecimento vai ser significada psicanaliticamente mediante o bordão da não existência de relação sexual, que para todos os efeitos traduz e resume psicanaliticamente a sua epistemologia.

2 : Independentemente de uma definição exata da sua natureza e irreduzível à parilha formada por pesquisador e pesquisados, há sempre um terceiro participante desconhecido mas rastreável em seus feitos e efeitos enunciativos em cada atividade de pesquisa. Esse resíduo manifesta a sua incidência na forma de acontecimentos. Um "estado de coisas" na realidade é um "sendo discursivo". Simbolizar, nomear, narrar, são um agir, acontecimentos.

3 : O inconsciente laciano, para além de parte em falta num discurso, fundamentalmente é o reverberante no miolo insignificante do sujeito de que se depreendem enunciações, restos ou vestígios positivos de uma negatividade irreduzível. Esta é tanto um resíduo de irrepresentável, como um desencadeador de um novo ensaio de totalização da significância, que fracassará. Este aspecto é crucial para se entender uma implicação relevante do efeito da pesquisa social na realidade humana. A pesquisa reconstitui-a, na medida em que com o método psicanalítico se desmascara sob a representação de um dado, uma enunciação consolidadora de um limbo de hipóteses em objetividade instituída.

4 : Verdaderamente, o sujeito não é um entrevistado, um informante e muito menos uma concepção de pessoa. Rastreia-se na qualidade de suposto ao agir e não há ação extrínseca a uma articulação temporal. É como ouvinte que o sujeito se "percebe" ser, permanecendo indizível (Bairrão, 2004). Ser é ouvir-sentido (no jargão técnico psicanalítico, gozar, *jouis-sens*), portanto o ser é "ser-de-ficção", narrativa, não emitida por um outro empírico, mas suportada num Outro configurador das matrizes de uma determinada "realidade" cultural.

5 : O sujeito não é alguma entidade psicológica, linguística ou metafísica. Para o sujeito é impossível ser (Bairrão, 2004). Haver sujeito sem o sujeito ser, eis o efeito da alteridade estrutural como negativo do sujeito e o sujeito como negativo de uma estrutura em que se inscreve alusivamente, mas nunca (pro)positivamente. Abarca e está fora de toda a estrutura (enunciativa). Em si mesmo escapa à alçada do Outro. Radicalmente inobjetivável, nunca chega a ser dito. A falta de si é paradoxalmente constitutiva. Não é "teorizável", sequer enunciável, mas enunciante (o método psicanalítico consiste em dar-lhe ouvidos).

6 : Empiricamente o sujeito não é nada e pode situar-se na dependência de qualquer contexto cultural, sempre entre e fora de significantes. Escapa de ser dito, em virtude do cunho discreto da cadeia simbólica. Este entendimento deriva diretamente da concepção lacianiana de inconsciente psicanalítico, apresentado como não dado, mas ainda assim, "negativamente" operante no método de investigação psicanalítico.

7: Perfazer é agir, mas o sujeito não coincide necessariamente com a posição psicológica e social de agente. Talvez a agência seja sujeito, mas o agente é sempre outro, porque só pode situar-se no e pelo Outro. Acontecido sujeito, situa-se não apenas pelo Outro, mas também lá no Outro. Esta tese subverte não apenas o conceito de personalidade e o modelo de pessoa ocidental e o achatamento do sujeito ao

indivíduo empírico, mas mais radicalmente ressitua a agência além do humano e amplia o campo de caça ao sujeito a âmbitos antes ignorados. Do ponto de vista estritamente metodológico, permite sublinhar que agência é uma posição na estrutura da enunciação que admite o desconhecido como performador, para além do psiquismo e comportamento do observado e do ego do pesquisador (Godoy e Bairrão, 2014). A noção de agente remete simplesmente a um lugar-tenente do sujeito e este a princípio está indefinido até um efeito de interpretação. Apenas por meio de um evento desta ordem, cuja intrínseca indeterminação induziu Lacan a repensar a psicanálise em termos lato sensu éticos, é que pode advir, na dependência de outrem e da significância, nunca como entidade psicológica, algum sujeito.

8 : O sujeito procura "ser". Ou dito de outro modo, o oculto da determinação de ser é o sujeito, em falta, desiderativo. Nenhum sentido o preenche, mas o esforço de nomeação o reconstitui (em falta). A opacidade do simbólico nada totaliza e, pelo contrário, interliga-se à subtração do sujeito na sentença (a pulsão).

9 : Ao Outro falta eu. Eu não ser é importante para que o Outro possa ser. O que traz o sujeito para um contexto de indireta acessibilidade não é a sua impossível objetivação ou conceituação simbólica, mas sim a repetição. A repetição faz o sujeito acontecer em primeira pessoa, no agora do acontecimento, em ato (um ponto muito importante em pesquisa).

10: O Outro vem antes, pois institui o sujeito sempre "sendo", inferido do dizer antecedente ou suposto ao dito. A ação "revela" o sujeito *après coup*. Sempre parece haver algo antes do dito, mas isso se faz pura e simplesmente a cada ato enunciativo e *a posteriori*.

11 : Correlativamente, um dado sujeito supõe-se sempre subtraído de si mesmo. Supõe-se "sido" apenas depois de ter acontecido, como ficção retrospectiva. O resultado de uma investigação científica é co-construtor, fixador, do investigado. O olhar do observador não ouve o surpreendido e perde o núcleo vazio desse processo. Restringe-se a uma parcela ínfima do que haveria de dizer.

12 : Mesmo na hipótese de suplementação da observação participante com uma escuta psicanalítica (Bairrão, 2005), algo sempre escapa ao enunciado científico positivo e é sempre o mais relevante. O método psicanalítico pode pouco acrescentar de conhecimento positivo, mas nunca deixará de trazer à baila este negativo primário, que se apresenta em tempos de parada e retomada para "ouvir sentido", "sentido inconsciente". Este efeito crítico do conhecimento incide não apenas nos resultados de pesquisa como também e principalmente no discernimento da natureza do método e dos enunciados psicanalíticos.

13 : O Outro é irreduzível a uma estrutura combinatória objetiva. O tema, o campo, é já alguém, mas para se dar ouvidos ao Outro, não reduzido a um ente empírico, a sua irreduzível alteridade precisa ser o principal informante, sendo ele inacessível diretamente por meio de meras entrevistas ou histórias de vida de humanos. O sujeito de verdade, ato enunciativo enquanto tal, está fora de acesso por meio de mera consulta ao ego, por mais bem informado e melhor informante que este se julgue.

14 : Há uma co-pertença entre tempo e sujeito, um é o avesso do outro. Mas não se deve confundir o tempo cronológico da fala com o Outro tempo, sob pena de achatamento e confusão entre o falar do pesquisador e o ouvir o Outro. Há Outro-tempo na duração mesma das coisas, provindo da duração das enunciações instaurantes. Este tempo, inconsciente, por vezes é confundido com atemporalidade. Esquecer este tempo é grave e afeta profundamente um efetivo entendimento da escuta participante como procedimento psicanalítico articulado ao método etnográfico.

15 : A psicanálise aborda o sujeito por duas vias : pela pura atividade, acontecimento temporal ; e como lacuna estrutural, falta em ser. A noção de sujeito em nada se assemelha ao ego psicológico, ela é de outra ordem, podendo ser pensada como efeito de um dizer. O foco analítico tem de dirigir-se, portanto, à enunciação (verbal, corporal, estética) e não a qualquer tipo de ente que supostamente "fosse" o sujeito, de modo que este possa reconhecer-se como situado do lado do Outro. É por isso que, na prática, ressalvada a ilusão de ótica de um olhar de sobrevoos que anula numa totalidade espacial a acontecência temporal, o conjunto da significância (o Outro) se inscreve como tempo.

Um procedimento etnopsicanalítico

A relação entre sujeito e objeto apresenta-se por meio da fantasia e o conceito de fantasia é o herdeiro na psicanálise da noção de conhecimento e uma passagem de uma etapa de imaturidade passiva para uma coparticipação desperta na recriação da realidade. Uma grande descoberta da psicanálise é que a realidade é fantasia, ainda que compartilhada, e por isso todos os construtos de "realidade objetiva", tanto aquele de que parte o observador etnográfico como aqueles que ratifica mediante a redação de etnografias, precisam ser revistos na qualidade de dizeres.

É necessário passar da descrição da cena observada à análise da sua montagem (discursiva). É isso que a escuta participante traz a mais. Ficar só no observado é paralisar o enunciado num estado de coisas e recalcar a enunciação (Godoy e Bairrão, 2015).

Do ponto de vista estritamente metodológico, o método psicanalítico permite sublinhar que a agência é uma posição na estrutura da enunciação que admite o desconhecido como performador, para além do psiquismo e comportamento do observado e do ego do pesquisador.

Não é por acaso que a terminologia lacaniana considera coisas irreduzíveis a conceitos. A razão é dar abrigo ao não conceptualizável, pelo entendimento de que a lacuna e o desconhecido devem ser incluídos no procedimento psicanalítico.

O método psicanalítico inclui o inconsciente e, portanto, o desconhecido. Sempre parece haver algo antes do dito, como foi dito anteriormente, mas o sujeito passa a ser apenas depois de ter acontecido. Esta ordem do sujeito inexistente vir antes e depois do trânsito pelo Outro se tornar existente não pode ser tratada como uma proposição a respeito de fatos empíricos.

O método psicanalítico também possibilita a crítica à redução da alteridade ao humano e a indivíduos empíricos (ela é a totalidade do simbólico), o que permite ressituar a agência independentemente do humano e amplia a escuta do sujeito a esferas antes desconsideradas.

Em contrapartida, habitualmente a técnica de observação participante privilegia principalmente o visual e o verbal. O olhar do pesquisador e as conversas orientam aquilo que, de sua participação, será observado. Deste modo, do ponto de vista psicanalítico, achata-se o outro a indivíduos empíricos e na prática a alteridade resume-se a intersubjetividade.

Ora, no que se vê, ou não se vê "há um componente não eliminável, que é o olhar de quem vê" (Bairrão, 2005, p. 444). De um ponto de vista psicanalítico, a melhor garantia de eliminação do cunho arbitrário e alheio da impessoalidade do observador, alienado de si, acontece na forma de voz. É, pois, imprescindível o reconhecimento de matrizes discursivas e enunciados na ausência física dos seus suportes biográficos, ou seja, para além da fala dos colaboradores empíricos.

Numa etnoanálise, também é preciso um projeto ou delineamento de pesquisa, mediante o qual o pesquisador propõe-se um enigma a ser significado. Parte-se de uma lacuna do saber, não saber, que se obteve e construiu por um levantamento do já pesquisado e constatação de uma falta num campo do conhecimento. A diferença é sutil, o acento é sobre a falta e não sobre o saber já constituído.

Em si mesma, uma revisão, já é dar ouvidos ao Outro, se ela for bem feita, conduzirá a uma interrogação que se formula a partir de um determinado campo. O lugar para essa pergunta estava à espera de um interlocutor. Se a pergunta é pertinente, um efeito do campo que fez a pergunta é a instauração do "seu" pesquisador. A presença deste em campo, reconfigurada em função de uma interrogação que vai movê-lo em torno de uma questão, independentemente de se tratar de uma iniciação científica, ou de estar também em jogo um mestrado ou título de doutorado, por sua vez "causa" a colocação de uma questão que teria de ser feita. Isto não apenas desencadeia transferência, como já é o começo de um percurso metódico.

Assim, uma pergunta não é qualquer pergunta e coloca-se com a existência do pesquisador (no caso, em termos lacanianos, algo do irrepresentável de si). O pesquisador propõe-se um enigma a ser significado e implica-se no estudo. O que diz, como diz e também, além disso, o lugar de onde diz (que o remete a quem ele "é"), não podem desconsiderar-se.

Uma interrogação de pesquisa necessariamente interpela o "seu" pesquisador, que lá encontra uma parcela faltante do "ser outro" que o constitui como sujeito desejante e um "ser pesquisador". O "ser pesquisador" e o "sujeito campo" estabelecem-se num único espaço unidimensional e contínuo (moebiano), mediante o qual o objetivo da pesquisa e com ele determinados significantes circulam no "campo Outro" e retornam ao "sujeito pesquisador" (Godoy e Bairrão, 2014). Desse circuito, os significantes iniciais retornam pontuados, recompostos e eventualmente acrescidos, em função dos acontecimentos significantes que manifestam a intervenção do campo nas associações livres do pesquisador analisante e se escutam como interpretações.

A questão de pesquisa, formulada por "si", passa pelo outro, se formula com o Outro, e se lhe devolve uma resposta provisória, que é uma transformação da questão inicial. Este processo é reiterativo e pode multiplicar-se lado a lado ou sucessivamente.

Não se pode confundir essas idas e vindas, entendidas como "falas", com o efetivamente dito, a ressementação e rearticulação significativa do problema proposto, que é propriamente o efetivamente dito.

Cada campo, Outro e sujeito, constrói um sentido para a pesquisa e um lugar para o pesquisador. É imprescindível ter em mente e deixar clara a diferença entre a tradução do fenômeno em significantes e o uso operacional da psicanálise frente ao significante, que permite lidar com universos simbólicos incluídos do pesquisador, materializados na forma de sutis fantasias comunitárias. Fantasias não na acepção comum de ilusão, mas sim com o sentido técnico psicanalítico de implicação do sujeito na realidade; isto é, fantasias como facetas da verdade "subjéctiva".

Uma realidade desconhecida está inconscientemente dada como articulação significativa e a pesquisa desencadeia a sua revelação. Interpreta-se na transferência e não a transferência, o que implicaria uma posição fora da estrutura. A pesquisa supõe um único espaço de significância entre pesquisador e campo, no qual acontece a transferência e se atua o inconsciente e atualizam sentidos (Godoy e Bairrão, 2015). A interpretação aparece como um novo sentido, enigma ou resposta para o pesquisador, mas como efeito de um corte ou manejo significativo por parte de e no campo. O campo não é um campo-objeto, mas um campo-sujeito. O lá sucedido, por assim dizer, "pontua" o fluxo de associações e situa as expectativas do pesquisador.

É no suceder da pesquisa como circuito significativo entre pesquisador e campo que o sujeito (tema) se enuncia. O sujeito aparece e o pesquisador se implica quando se compreende uma resposta como uma enunciação do Outro, dependente de um tempo narrativo. A análise vai percorrer esse tempo, desdobrando a sua logicidade e situando uma narrativa que é a articulação sujeito-objeto que tradicionalmente se entendeu como conhecimento, ultrapassável pela heurística da escuta, estruturalmente desvendada graças à topologia da garrafa de Klein (Godoy e Bairrão, 2015).

O informante não é uma entidade anímica específica, enquadrável por alguma concepção de pessoa, definida no quadro de alguma etnopsicologia. Há sem dúvida, culturalmente dados, diversos tipos de egos, mas estes não são o sujeito. Enfocá-lo objetivamente, pelo prisma de conceitos de Outro, de ser, de sistema, de estrutura, é pôr-se sob a alçada da religião.

O verdadeiro informante é o sistema simbólico em operação, o Outro, além das consciências individuais, irredutível aos egos dos interlocutores em campo, entendidos como objetos (psíquicos), o que permite adentrar as operações de um sistema simbólico em cada pessoa singular, mas sem incorrer em exposições desnecessárias e indevidas.

Não é muito útil, portanto, um diário de campo "privado" da sua circulação social, independentemente desta estar ou não empiricamente dada. Já é o Outro que, em parceria com a caneta e as associações e observações do pesquisador, se inscreve e escreve o aparentemente mais subjetivo e particular do diário de campo.

A escrita não deixa de ser uma escuta e esta requer o Outro, já que o sentido do dito depende dele. Ao falar ou escrever, no silêncio (vazio) do Outro, escuta-se na voz o sentido proferido pelo Outro, que fala pela "nossa" voz.

É como se a sonoridade da voz, estruturalmente um vazio (enigma) no vazio do Outro, apelasse por um sentido a ser decidido pelo que do Outro se ouve em nós.

Como é na escuta que se perfaz o sentido, o ouvinte (da voz) não tem como se elidir da composição significante que se traduz numa revelação de um-Outro suposto dicente.

Não é simples discernir entre a fala proferida de um indivíduo empírico, que pode ser descrita sem nada se compreender, ou pior, entendendo tudo, e a enunciação de Um-Outro. Ora, tratar o outro como um ente, cindindo-o entre a sua "identidade" social e os seus depoimentos revela uma confusão praticamente tão grave como tomar o sujeito por uma coisa : falta a escala do Outro, o que ele situa e o que ele silenciosamente articula (o que muda tudo).

Este método nos dá pistas para atender a esse desafio, porque algo ao "mostrar-se a mim", também "se mostra em mim". A palavra só faz sentido no lugar da escuta (Bairrão, 2004). O Outro só é e diz na medida em que a escuta o institui. O eu do enunciado já está inscrito em terceira pessoa, pois fala-se sempre do lugar do Outro. O sujeito está indefinido até um efeito de interpretação. Empiricamente, não é nada que se possa especificar à revelia de um contexto cultural.

Para saber se as associações (aparentemente do pesquisador, mas concretizantes de uma escuta do Outro) não são meramente enunciados arbitrários, é importante conferir se elas podem ser enunciados (do Outro) nesse sistema.

Não é necessário que um colaborador empírico as tenha feito (falado). No contexto de um campo, o conteúdo de um livro, um mito, uma inferência lógica, podem valer como dito, mesmo sem terem sido vocalizados. É importante, no entanto que essas associações sejam dialógica e diacronicamente ratificadas e sancionadas em campo. Sempre vai havendo uma correção e acomodação. O óbvio não se fala porque já está dito, mas quando é verbalizado pode ser corrigido (por isso é o pesquisador quem associa...).

O contexto do Outro, em geral pontua ou ressignifica, eventualmente desautoriza ou contraria, uma hipotética desinformação verbalizada por interlocutores empíricos. Também as valida ou comenta. Por isso é importante prestar atenção ao inesperado e detalhes além das técnicas.

De fato, muitas vezes, para além das falas concretas e da observação atida à vida social e suas regularidades, as respostas (do Outro) são atuadas ou mostradas em acontecimentos e não propriamente narradas. Eventos aparentemente aleatórios são metonímias e ou metáforas que respondem ao apelo-pergunta da pesquisa.

Os impasses e problemas que se formulam no pesquisador como paradoxos ou perguntas, na realidade ele os ouviu. Deu-lhes corpo enunciativo, porque nele o Outro se fez dizer.

Em cada pesquisa de campo, o ? terceiro relativamente à interlocução entre pesquisador e o seu campo, o Outro e o sujeito "conversam" e "atravessam" a intersubjetividade imaginária (vide o esquema L). Esse atravessamento assinala-se na interação discursiva empírica, em formulações tais como : "Sabe que sempre quis saber isso ?" "Boa pergunta", "Questão interessante...", "É mesmo, não tinha parado para pensar isso, mas faz sentido...."

Ou seja, a questão, o projeto, e o seu desenvolvimento, que já se formularam em diálogo com o Outro bibliográfico, prolongam-se em "conversa" com o Outro campo, ultrapassando desníveis hierárquicos e barreiras silenciadoras.

Os resultados apresentam-se como um adendo, reviramento, deslocamento ou corte na forma da questão original de pesquisa, que reformula ou modula a questão inicial e por sua vez pode ser ponto de partida para novas sequências indagativas. A pesquisa está concluída quando a questão inicial foi relativamente respondida e o "progresso" se interrompe e se exaure na forma de um novo "furo" ou enigma, candidatando-se a razão de uma nova pesquisa. Ou seja, a "coleta" se conclui quando não apenas se dá forma a um novo saber, mas também se reconfigura o desconhecido.

Muitas vezes essa reviravolta não é nada sutil nem discreta, surge como uma ruptura instantânea e, embora raramente no começo do estudo, quase sempre bem antes do seu prazo final.

Escuta Participante

O papel do pesquisador não é atribuir sentido. A psicanálise não explica, ela dá abrigo ao discurso do Outro que, ele próprio, interpreta, ainda que o faça com os ouvidos do pesquisador.

Esse processo não pode se resumir a significados. Reúne campo e pesquisador numa mesma estrutura topológica espacial, mas que de fato só se consuma como trajeto temporal. Por isso a condição existencial de sujeito e Outro é o acontecimento, ação intrinsecamente temporal.

O crucial não se vê por fora, tem a ver com efeitos temporais, tais como os que se pressupõem numa interação dialógica, numa conversa continuada ao longo do tempo, mesmo que em larga medida travada à revelia de produções verbais.

De pouco adianta especular sobre alteridade e narrativa etnográfica, se na prática o pesquisador não se permitir levar a sério, metodológica e instrumentalmente, a alteridade doadora de sentido interno à manifestação do seu campo, literalmente, nos termos em que ela se propõe.

Numa pesquisa etnográfica instruída psicanaliticamente (o que se apelidou de escuta participante) admite-se que o fenômeno não apenas se mostra ao observador, mas se mostra no pesquisador; e que os efeitos subjetivos da sua participação são dados intrínsecos à manifestação do evento em curso.

Desta forma, a participação do pesquisador é consubstancial aos eventos presenciados, porque estes necessariamente o pressupõem relativamente à enunciação. A relação transferencial em campo deixa de ser um problema a ser evitado e passa a ser um recurso favorável e mesmo imprescindível à pesquisa.

A escuta possibilita ultrapassar os egos. Pressupõe interlocutores empíricos e algo que se enuncia por eles, mas se comunica para além dos seus egos e à revelia das suas consciências. Mais radicalmente, que "se" ouça o que "em si" seja dito.

A entrada do pesquisador em campo, meramente, já o situa como "audiente", pois o sentido, ainda que inconsciente, interpela e se endereça a alguém e essa "comunicação" faz parte da sua estrutura. É nesta acepção que Lacan afirma que o analista deve ser incluído no conceito de inconsciente (Lacan, 1973) e é por isso que inclusão e implicação do pesquisador no processo de escuta são um requisito metodológico. Ou seja, o audiente é uma posição na estrutura que pode ser "incorporada" pelo pesquisador ou colaboradores empíricos, mas não se confunde com eles.

Metodologicamente o desafio é fazer com que a posição estrutural de audiente se situe de forma a pôr em circulação e revelar esse sentido.

A validação do sentido dependerá da "sua" sanção. Essa sanção envolve a função de um terceiro e um efeito de verdade, a ocorrência de uma descoberta ou revelação que depois de acontecida parece que saltava aos olhos e estava ali desde sempre, mas antes era inconsciente.

Essa "revelação" não é propriedade nem prerrogativa dos interlocutores empíricos, pesquisadores e colaboradores, mas emerge de um efeito de sentido promovido pelo Outro, que não teria acontecido sem as suas participações, mas que eles propriamente testemunham e não produzem.

Escutar propicia a interpretação, não em função de uma atribuição de significados e de uma sobreposição de explicações a falas, atos, gestos etc., mas em função de uma restituição do saber inconsciente do outro, de modo que se dê ouvidos e se recupere o que verdadeiramente se diz na repetição significativa, sem o encobrir com as considerações do ego do pesquisador ou dos seus interlocutores.

A escuta também pressupõe interpelação. As possibilidades de escuta e de interpretação implicam a presença de uma espécie de alteridade interpelante. Admitir que o Outro, mais que um conceito, é um real interpelante que se nos dirige, quer dizer que metodologicamente se dá ouvidos aos sentidos que ele produz, sem pretender reduzi-lo a essa atividade.

A psicanálise requer coerência entre o teor do enunciado e a implicação do enunciante. Enfoques de sobrevoo não fariam justiça à contribuição que a psicanálise poderia trazer. São inadmissíveis particularmente pressuposições que anexem a psicanálise a uma nota de rodapé da história da filosofia, achatando a uma esfera semântica dilemas e questões que não podem ser propostos nos mesmos termos em que se configuram noutros territórios.

Na direção contrária, ensaiou-se aqui uma exposição do método psicanalítico potencialmente relevante para o seu exercício, inclusive em pesquisas de campo e procedimentos etnográficos.

A peculiaridade desse método não é propor algum conhecimento a mais sobre qualquer domínio, mas revelar a forma de produção de saberes que instituem um "sendo" alguém. Talvez, pela primeira vez, propõe-se o desconhecido como agente de uma investigação.

O que é dito das mais diversas formas dirige-se a alguém. É em relação a este que o sentido inconsciente se atualizará e será atuado na transferência. É preciso considerar a transferência e o lugar ocupado no campo pelo pesquisador como parte do procedimento imprescindível neste método.

Investigar na transferência significa oferecer-se como alguém a ser significado, admitir-se como um pretexto ao exercício narrativo consubstancial ao fenômeno social e discursivo, pois é de dentro dessa relação que se escutam e relatam os ditos do referido fenômeno. Para isso, é preciso respeitar o curso e a dinâmica própria dos acontecimentos, seu curso e a clara distinção entre locutor e enunciante é imprescindível e não será uma das menores contribuições lacanianas para a pesquisa etnográfica. Nas entrelinhas de uma locução, de um acontecimento, de um ritual, é preciso rastrear a voz do Outro de permeio à própria voz e às vozes dos outros, pois o método psicanalítico, a rigor, é um modo de trazer à luz o dizer do Outro. Não se visa sobrepor uma voz à voz do Outro, mas inferir como o campo se dispõe, em função dos seus ditos. Ou seja, é imprescindível ter em consideração e saber diferenciar quem diz e quem fenomenicamente expressa o dito, pois sem saber quem diz não se sabe o que se diz. E no que se escuta é fundamental ter um entendimento de a quem supostamente aquilo é dito.

É exatamente o "a quem" se dirige a enunciação que situa a relevância da transferência. Freud (1912/1987) afirmava que ela se encontra para além da clínica psicanalítica, o que permite ampliar a escuta analítica a contextos sociais.

Nunca seria de mais sublinhar que o Outro (no caso, o campo) se revela correlativamente à leitura que ele faz do pesquisador interpelante. O campo não se autorrepresentará objetivamente, mas sempre contará ao pesquisador histórias que, a seu ver, dizem respeito ao último. Essas histórias, revelando-o na sua humanidade, revelam o geral da forma como "Ele" (campo) interpreta.

Como o Outro pela estrutura da voz se propõe como alguém, ao se endereçar ao sujeito como retorno a uma questão de pesquisa, ressitua-se perante o que no pesquisador se produziu como questão de pesquisa. O que por meio da atenção flutuante o método psicanalítico possibilitaria agregar a um procedimento etnográfico inclui uma radical abertura para o ponto de vista do Outro, pois o verdadeiro meio de estudo de uma temática é permitir-se ser participante e levar a sério o que repercute e se escuta no estudioso.

A estrutura implica o pesquisador, mas implica trazendo rigor à pesquisa, pois não apenas situa os outros relativamente ao eu, como também interpela a todos relativamente à voz : O que é dito ? O que me é dito ? Quem diz ?

A este respeito é fundamental sublinhar que o pesquisador é solidário e responsável pelo que ouve do que o Outro diz. O que se ouve do Outro, também se o diz (tanto pelo assentimento da escuta que dá consistência a uma suposição de enunciado, como pela sua transcrição em relatos de pesquisa e em narrativas etnográficas). A transferência e a interpretação requerem a implicação ética do pesquisador

naquilo que escuta, pois o ouvido do Outro é pronunciado pelo sujeito (o que implica o pesquisador na sua escuta).

Os nossos "outros" são o medular de nós mesmos e o seu destino, ainda que aparentemente alheio, "atravessa" as nossas existências. Eles nos cedem as suas almas e nós os fazemos reviver com a nossa dedicação (etnográfica). Isso porque o outro, os nossos outros, pela remissão da estrutura ao vazio no Outro, repercutem o inconsciente. A voz que lhes emprestamos é deles, mas é a nossa voz, ressoante pelas cordas "vocais" do Outro. Ouvi-la é ao mesmo tempo um acatamento e um mandato ético. Implica-nos.

Quando a recalcamos ou desconhecemos, feita uma pergunta, o campo a atua.

Por isso não bastam entrevistas nem observações, pois toda a interação e acontecimentos encenam o que não puder se expressar de outra forma.

Como o conceito de sujeito não se confunde com o de pessoa ou indivíduo, o Outro pode surgir na posição de sujeito da enunciação e o pesquisador como quem o escuta.

Afinal, em cada atividade de pesquisa, o Outro manifesta a sua incidência na forma de acontecimentos que ultrapassam a intencionalidade dos interlocutores empíricos.

Não se trata mais de interpretar atos, falas, gestos, eventualmente com base em conceitos da teoria psicanalítica, nem mesmo de se ater exclusivamente aos significados compreendidos pelos interlocutores empíricos.

No entanto isso tem de ser ponderado nos termos da estrutura da voz, ou seja, esse Outro "devolve" como voz uma parte de si que ecoa a pergunta-objetivo da pesquisa e ressoa num vazio. O fenômeno ouve-se em si mesmo, nos dois sentidos : como se mostra em si mesmo e como, ao afetar o estudioso, o mostra a si próprio.

Desta forma, mesmo o que um etnógrafo narre a respeito do "seu" etnografado, o enunciado em que consiste o seu relato pode ser entendido como enunciação do Outro no pesquisador. Ouvir desta forma é entender o que um-Outro, enunciante e que operacionalmente pode estar em qualquer lugar, inscreve com a "pena" que é o pesquisador. Sanciona-se o que se vê, não lá no Outro, mas o que do Outro se escuta cá, ou seja, se "deposita" no campo do sujeito pesquisador como voz.

A incapacidade de se permitir este tipo de participação marca a diferença entre um procedimento atido às interpretações de um ego pesquisador e uma escuta participante. Nesta escuta, o pesquisador analista se permite ser conduzido pelas intenções significativas (mesmo que inconscientes) daquilo a que se dê o crédito de se propor como um "alguém" interlocutor.

Bibliographie :

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques, O impossível sujeito : implicações da irredutibilidade do inconsciente. São Paulo: Rosari, 2003.

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques, O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente. São Paulo: Rosari, 2004.

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques, <<A escuta participante como procedimento de pesquisa do sagrado enunciante>> in Estudos de Psicologia, vol. 10, nº. 3, Natal: Programa de Pós-graduação em Psicologia, 2005, pp. 441-446.

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques, <<A propósito do Outro, etnográfico e em psicanálise>>, in Revista de Filosofia Aurora, vol. 23, nº 33, Curitiba: Champagnat 2011, pp. 345- 358.

BRENTANO, Franz [1874], Psychology from an empirical standpoint. London and New York: Routledge, 2009.

DEVEREUX Georges, Essais d'ethnopsychiatrie générale. Paris : Éditions Gallimard, 1970.

DEVEREUX, Georges, Éthnopsychanalyse complémentariste. Paris : Flammarion, 1972.

DEVEREUX, Georges. De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement. Paris : Aubier-Flammarion, 1980.

EWING, Katherine P. <<Clinical Psychoanalysis as an Ethnographic Tool>>, in Ethos vol. 15, nº 1, , New York: Wiley, 1987, pp. 16-39.

EWING, Katherine P. <<Is Psychoanalysis relevant for Anthropology?>> in: SCHWARTZ, Theodore, WHITE, Geoffrey M. e LUTZ, Catherine A. (orgs.) New Directions in psychological anthropology, New York / Melbourne: Cambridge University Press, 2002, pp. 251-268.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Les mots, la mort, les sorts. Paris : Gallimard, 1977.

FREUD, Sigmund [1912] <<A dinâmica da transferência>>, in FREUD, Sigmund, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. 12, Rio de Janeiro : Imago, 1980, pp. 131-143.

FREUD, Sigmund [1922] <<Dois verbetes de enciclopédia>>, in FREUD, Sigmund, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. 18, Rio de Janeiro : Imago, 1996, pp. 253-274.

GEFFRAY, Christian. Trésors : Anthropologie analytique de la valeur. Strasbourg : Éditions Arcane, 2001.

GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo &BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques,<<A psicanálise aplicada à pesquisa social : a estrutura moebiana da alteridade na possessão>>, in Psicologia Clínica, vol. 26, nº 1, Rio de Janeiro : Departamento de psicologia da Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro, 2014, pp. 47-68.

GODOY, Daniela Bueno de Oliveira Américo eBAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques, << Psicanálise e trabalho de campo : uma perspectiva topológica>>, in BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques e COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas (Org.), Etnopsicologia no Brasil : teorias, procedimentos, resultados. Salvador: EDUFBA, 2015.

KRACKE, Waude. <<Encounter with other cultures>>, in Ethos vol. 15, nº 1, New York: Wiley, 1987, pp. 59-81.

LACAN, Jacques, [1957] <<L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud>>, in LACAN, Jacques, Écrits. Paris : Éditions du Seuil, 1966, pp. 493-528.

LACAN, Jacques, [1960] <<Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien>>, in LACAN, Jacques, Écrits. Paris : Éditions du Seuil, 1966, pp. 793-827.

LACAN, Jacques, Le Séminaire, livre XI : Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris : Éditions du Seuil, 1973.

LACAN, Jacques, *Le Séminaire, livre II : Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris : Éditions du Seuil, 1978.

LACAN, Jacques, *Le Séminaire, livre XVII : L'envers de la psychanalyse*. Paris : Éditions du Seuil, 1991.

LACAN, Jacques, *Actas de la Escuela Freudiana de Paris : VII Congreso, Roma, 1974*. Barcelona: Ediciones Petrel, 1980.

OBEYESEKERE, Gananath, *Medusa's hair: an essay on personal symbols and religious experience*. Chicago: The Chicago University Press, 1981.

OBEYESEKERE, Gananath, *The Work of Culture: Symbolic Transformation in Psychoanalysis and Anthropology*, Chicago: University of Chicago Press, 1996.

Notes :

1. Este artigo é tributário em larga medida da tese de livre-docência do autor (Bairrão, 2012), desenvolvida mediante sucessivos apoios à pesquisa da FAPESP. Parcela do seu teor foi inicialmente comunicada no V Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise (Setembro de 2013) e o seu argumento adquiriu a sua forma definitiva a pretexto de curso ministrado em 2014 na UFBA a convite da Profa. Dra. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, a quem se agradece a oportunidade e a interlocução. Ele também é devedor de anos de pesquisa com cultos afrobrasileiros e da convivência e diálogo acadêmico com os jovens pesquisadores membros do Laboratório de Etnopsicologia da Universidade de São Paulo, na qualidade de colega e orientador, aos quais agradeço pelo muito que temos desenvolvido em conjunto.

2. O discurso do analista resume o que seria mais característico do método psicanalítico.

Pour citer ce document:

José Francisco Miguel Henriques BAIARRÃO , « Etnografar com Psicanálise. Psicologias de um ponto de vista empírico », *Cultures-Kairós* [En ligne], Les numéros, Anthropologie et psychanalyse : débats et pratiques, Mis à jour le 09/09/2015

URL: <http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php?id=1197>

Cet article est mis à disposition sous [contrat Creative Commons](#)